

Desafio em pauta: como um tema negativo pode ser trabalhado com base no jornalismo de soluções¹

Gabriela LUCENA²

Antonio SIMÕES³

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

Em um cenário marcado por constantes mudanças no jornalismo, é oportuno investigar como os acontecimentos podem ser selecionados e trabalhados de forma inovadora. Por meio do jornalismo de soluções, essa questão continua a ser respondida. O objetivo deste artigo é investigar se existem narrativas radiofônicas, ao abordarem episódios classificados como negativos, consideradas exemplos de jornalismo de soluções. Com referencial teórico baseado em autores como Farias (2022) e Simões (2022), foi efetuada uma análise de conteúdo do Jornal da Manhã, da Rádio Caturité FM. Apenas de forma parcial e pontual essa nova maneira de contar histórias foi verificada. Ainda assim, fica evidente a potencialidade da abordagem para ser apropriada pela audiência e adaptada, de acordo com cada caso, pelo cidadão para lidar com situações adversas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo de soluções; acontecimento; pauta; rádio.

1 - Introdução

O jornalismo de soluções surge como uma abordagem focada em construir uma realidade social que vai além de apenas noticiar os problemas contemporâneos. Ele tem como um de seus objetivos principais dar visibilidade às respostas para os desafios sociais em áreas que vão desde segurança pública até proteção ao meio ambiente.

Assim, pode ser confundido como uma inovação voltada especificamente para a cobertura de acontecimentos positivos que resultam na construção de notícias positivas⁴. Elas são cada vez mais necessárias em um cenário de *news avoidance*⁵. Este, de acordo

¹ Trabalho apresentado no GP 21 Gêneros Jornalísticos, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista graduada pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em Julho de 2023. E-mail: gabrielalucenauepb@gmail.com

³ Professor do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Coordena o projeto Anti-horário e integra o Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade (Mobjor/UEPB). E-mail: simoes@servidor.uepb.edu.br.

⁴ Consideramos notícias positivas aquelas com possibilidade de desencadear emoções como alegria, esperança, serenidade, entre outras dessa tipologia.

⁵ No Brasil, por exemplo, 41% das pessoas entrevistadas evitam consumir notícias, conforme o *Digital News Report*, publicado em 2023 pelo Instituto Reuters. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023> Acesso em: 10 ago. 2023.

com o *Digital News Report 2022*, produzido pelo *Reuters Institute*, tem como uma de suas causas principais no Brasil a fadiga de notícias negativas⁶.

Porém, conforme já esclareceu Nascimento (2023), nem toda narrativa positiva é jornalismo de soluções. Para tornar a questão ainda mais complexa, uma história construída a partir de um episódio negativo pode ser trabalhada por meio do jornalismo de soluções e tornar-se, pelo menos até certo ponto, uma notícia positiva.

O objetivo deste artigo é investigar se existem notícias radiofônicas, ao abordarem episódios classificados como negativos, que podem ser consideradas exemplos de jornalismo de soluções. E se conseguem ajudar a reconfigurar a forma de construir histórias a partir de acontecimentos negativos.

Finalmente é importante ressaltar que este artigo é uma espécie de continuidade do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido por Gabriela de Lucena Nascimento, em junho de 2023, sob a orientação do professor Antonio Simões Menezes, no curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

2 – Jornalismo de soluções⁷

O jornalismo *hard news* constrói majoritariamente uma realidade social baseada em episódios negativos, sejam eles assassinatos, corrupção, catástrofes, entre outros problemas sociais. Isto se dá pela cultura enraizada nas redações de que “notícias boas são notícias ruins”, tendo como base critérios de noticiabilidade que colaboram para esta situação.

Dentre os critérios de seleção dos acontecimentos elencados por Alsina (2009) estão a violência, a agressividade e a dor. “Os delitos, os acidentes e as catástrofes recebem uma atenção importante por parte dos meios de comunicação” (ALSINA, 2009, p.154). Dessa forma, os fatos com aspectos negativos estão normalmente presentes e em destaque no dia a dia dos noticiários nas mais diversas mídias e plataformas.

As notícias negativas, contudo, não devem deixar de ser veiculadas. Elas fazem parte da construção social da realidade explicada por modelos teóricos como *newsmaking*. “A notícia é uma representação social da realidade cotidiana, produzida

⁶ Consideramos notícias negativas aquelas com possibilidade de desencadear emoções como medo, tristeza, ódio, entre outras potencialmente nocivas à saúde.

⁷ Este tópico contém trechos do Trabalho de Conclusão de Curso “Há jornalismo de soluções no rádio? Análise de conteúdo do programa Jornal da Manhã”, de Gabriela de Lucena Nascimento, apresentado em junho de 2023, na Universidade Estadual da Paraíba.

institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299). O problema está em abordar apenas os aspectos negativos sem completar a informação com a resposta aos problemas apresentados.

Mas, pelo menos desde os anos 1990, há uma alternativa para enfrentar essa situação no campo jornalístico. Buscando ser um meio para viabilizar uma forma inovadora de os jornalistas construírem narrativas mais completas, indo além dos problemas sociais abordados e focando em respostas para os inúmeros desafios sociais da contemporaneidade, surge o jornalismo de soluções.

A proposta do jornalismo baseado em soluções é propagado na América Latina, desde o ano 2000, por meio da *Fundación para un Nuevo Periodismo Iberoamericano* (FNPI), também conhecida por Fundação Gabo. Em escala mundial, no ano de 2013 foi iniciado o trabalho da *Solutions Journalism Network* (Rede de Jornalismo de Soluções – em tradução livre), conhecida pela sigla SJN e reconhecida como a principal divulgadora dessa nova forma de contar histórias.

O conceito dessa vertente do jornalismo é lapidado gradativamente. Há outras definições dentro do jornalismo que se confundem com ele. Elas ajudaram a constituir seu alicerce teórico. É o caso do jornalismo para paz, jornalismo cívico ou público, jornalismo ambiental e jornalismo preventivo, de acordo com Simões (2022). Para o autor, esta abordagem pode ser definida como:

[...] modalidade jornalística materializada na produção de narrativas, a partir de um olhar focado em amplificar a visibilidade de soluções para problemas sociais, capazes de gerar emoções positivas na audiência e motivar o público a se engajar e a participar do processo de consolidação dessas respostas aos desafios sociais (SIMÕES, 2022, p. 99).

A SJN afirma que “o jornalismo de soluções pode oferecer maneiras de repensar como lidar com questões que afetam as comunidades”⁸. Outro objetivo do jornalismo de soluções é pautar respostas democráticas que possibilitem o engajamento social, contando de maneira completa e qualificada os fatos com uma “cobertura rigorosa e convincente de respostas a problemas sociais – reportagens feitas com os mais altos padrões jornalísticos” (BANSAL; COURTNEY, 2015, p. 04).

Para que determinado material jornalístico seja classificado como sendo uma narrativa de soluções, é necessário que contemple algumas características que foram

⁸ Disponível em: <https://learninglab.solutionsjournalism.org/en/courses/revenue-playbook/introduction/welcome>. Acesso em 11 de ago. 2023.

sistematizadas pela SJN. São elas: narrar a resposta a um problema social; gerar *insight* para a população, incentivando a mobilização popular; mostrar as evidências da resposta com dados que possam comprovar o sucesso da iniciativa ou, em casos específicos, a sua ineficácia; e, por último, as limitações da resposta.

Estes elementos diferenciam o jornalismo de soluções de outros tipos de reportagem. Eles não precisam ser utilizados simultaneamente principalmente em veículos de narrativas curtas, como rádio, por exemplo. Um aspecto importante a ser considerado numa notícia de jornalismo de soluções, de acordo com Simões (2022), é que a solução deve assumir o protagonismo da narrativa, e o problema passa a ser coadjuvante.

Ou seja, é necessário que haja ênfase na resposta ao problema durante a matéria, evitando abordar a solução nos instantes finais do material, ou último parágrafo, em matérias em texto. Nesse sentido, de acordo com o autor, o “como” (uma das questões do *lead* tradicional) passa a ter o destaque que, provavelmente, até então jamais havia recebido nas narrativas jornalísticas, exceto em ocasiões pontuais.

É relevante, ainda, entender o que não é jornalismo de soluções para evitar possíveis erros de classificação. De acordo com o “*The Solutions Journalism Toolkit*” disponibilizado pela SJN, não se trata de jornalismo de soluções quando a matéria aborda o “culto ao herói”, dando ênfase a uma personagem ao invés da resposta; a “solução milagrosa”, quando a narrativa apresenta um produto como a solução imediata para determinado problema; o “favor para um amigo”, quando a matéria dá maior visibilidade ao ator que realizou a solução do que a solução em si; o “laboratório de ideias”, com propostas sem uma resolução a curto prazo; o “ativista instantâneo”, que promove uma mobilização para uma causa específica; a “reflexão tardia”, que disponibiliza um pequeno espaço para a solução; e o “reconfortante”, que apresenta uma situação em que uma pessoa realiza uma ação louvável.

Por ser uma modalidade relativamente recente no jornalismo, a narrativa focada em soluções tem enfrentado alguns desafios para ser utilizada no dia a dia das redações. Existe resistência por parte dos veículos de comunicação tradicionais que ainda acreditam primordialmente na máxima “*bad news is good news*” e apostam que o jornalismo focado em soluções não irá atrair a atenção do público.

Outra dificuldade enfrentada é a precarização das condições de trabalho do jornalista, que dificulta a execução de produções mais elaboradas, como sugere as

características do jornalismo de soluções. “Este é um trabalho que se depara com redações cada vez mais enxutas e uma necessidade muito rápida de apurar um fato, o que leva a uma superficialidade, sobretudo, no telejornal.” (FARIAS, 2022, p. 61).

Contudo, a narrativa focada em soluções pode ser trabalhada em diversas mídias e formatos. Por isso, ela já aparece em milhares de veículos de comunicação, adaptando seus pilares básicos às características da linguagem de cada meio, bem como ao tempo ou espaços editoriais reduzidos.

3 – Reconfiguração do acontecimento jornalístico

Durante décadas, era comum a seguinte máxima em várias redações pelo país: “Se um cachorro morde um homem, não é notícia. Mas, se um homem morde um cachorro, isso é notícia”. Esse enunciado, construído provavelmente no cotidiano da profissão, não raro era citado até mesmo por professores nos cursos de jornalismo espalhados pelo Brasil.

Em síntese, o objetivo dos jornalistas do batente e dos docentes era explicar que a notícia tem como matéria-prima a quebra da suposta normalidade da vida social. “Quanto maior a força surpreendente ou desestabilizadora do acontecimento, mais informação ele porta. E é nesse registro que o acontecimento jornalístico, traduzido em informação jornalística, encontra sua principal configuração”. (HENN, HOËHR E BERWANGER, 2012, p. 101).

Porém, a construção social efetivada pelo jornalismo, por meio de narrativas informativas, não deve se limitar a esse tipo de acontecimento. “Contudo, para além dessa ideia, a singularidade não deve ser o requisito único e essencial para que aquela ação seja um potencial acontecimento jornalístico. Não é necessário que algo quebre por completo o padrão do cotidiano para isso”. (RODRIGUES, 2021, p. 33). Mesmo assim, as redações insistem em produzir conteúdo baseado primordialmente em episódios dessa natureza.

De acordo com Simões (2022), seja na mídia impressa, televisiva ou nos perfis noticiosos em redes sociais, existe a preponderância e destaque para narrativas jornalísticas baseadas na quebra negativa da “normalidade”. Ou seja, a maior parte do noticiário é produzida a partir de casos como assaltos, assassinatos, corrupção, acidentes fatais, entre tantos outros eventos similares, que acabam por afastar uma parcela significativa da audiência, agravando o processo de “*avoidance news*”.

O jornalismo, obviamente, não pode nem deve abdicar de abordar esse tipo de episódio. Então, como proceder sem correr o risco de aumentar essa fuga da audiência potencial? Uma maior compreensão das diversas dimensões do que venha a ser considerado um acontecimento no campo jornalístico, associada às inovações inerentes à estruturação de narrativas no jornalismo de soluções, pode oferecer uma relevante contribuição para resolver essa questão.

De acordo com Silva (2012), há uma série de dispositivos e protocolos que atribuem um formato específico, marcado por uma neutralidade almejada, ao acontecimento jornalístico. Porém as normas institucionalizadas pelo campo jornalístico, além de questões subjetivas dos próprios agentes, fazem com que essa atividade seja constituída de forma arbitrária.

Primeiramente, por parte dos *news promoters*, existem tanto interesses de promover como de prevenir que certas ocorrências transformem-se em acontecimentos públicos. Há sempre uma preocupação com “o-que-dirão-as- pessoas” a partir da publicização de uma determinada ocorrência. (SILVA, 2012, p. 4).

Nesse sentido, é pertinente o jornalista compreender que há alternativas para noticiar ocorrências sinistras sem aumentar o excesso de notícias negativas produzidas e publicadas diuturnamente que têm o potencial de prejudicar a saúde mental das pessoas. Henn, Hoëhr e Berwanger (2012) lembram que os modos de acontecer sofrem influências pelo ambiente midiático no qual são processados. Por isso, cada plataforma midiática acabaria por ser constitutiva do próprio acontecimento.

Em tempos de movimentações tecnológicas, com web, telefonia móvel, captação e transmissão disseminada das imagens e dos sons, o acontecimento, parece sofrer profundas metamorfoses e concentra em si novos problemas. Este cenário, além de instituir a urgência de outros olhares sobre as perspectivas teóricas que tratam da emergência do acontecimento jornalístico, também configura mudanças nas práticas profissionais. (HENN, HOËHR E BERWANGER, 2012, p. 102).

A necessidade de mudança em meio à crise vivenciada há décadas pelo jornalismo é urgente. Um dos caminhos possíveis é ressignificar a forma de enxergar acontecimentos que rompem negativamente com as expectativas inerentes à vida cotidiana comum. É imprescindível, em um momento marcado pela constante perda de

credibilidade dos relatos jornalísticos no Brasil⁹ e de evasão da audiência, construir novas estratégias para a estruturação das narrativas baseadas em ocorrências desse tipo.

Em síntese, existe a necessidade de olhar o acontecimento a partir dos mais variados ângulos possíveis, a fim de encontrar ensinamentos inerentes a esses episódios, os quais podem tornar a cobertura mais atraente, relevante e, sobretudo, pertinente para o público. Dessa forma, o objetivo principal de tal operação é, sem dúvida, tornar o noticiário mais útil para a audiência. Fugir do apelo simples e barato ao drama, ao sensacional, à tragédia em si.

Ora, se na vida de qualquer pessoa, como disse Nietzsche, aquilo que não mata só pode fortalecer o indivíduo, é possível destacar na produção de notícias, a partir de episódios negativos, aspectos que venham a gerar ensinamentos ou até mesmo *insights* ao consumidor desse conteúdo. A partir de tal perspectiva, é preciso ir além do simples relato do acontecimento. Então, em tese, talvez não houvesse novidade, pois provavelmente a proposta seria fazer nada mais nada menos do que o velho jornalismo interpretativo (BELTRÃO, 1976). Ou seja, algo que já vem sendo efetuado nas redações e estudado na academia durante décadas.

Mas, não é “apenas” interpretar. Embora apropriando-se de elementos característicos do jornalismo interpretativo ou explicativo (VILELA, ZSCHABER, NUNES, 2012), a partir do jornalismo de soluções, há a intenção de mapear e contextualizar detalhadamente as causas que levaram uma determinada ação a fracassar, além de, em casos factíveis, apresentar “*cases*” de sucesso no desenrolar de situações semelhantes. De modo pontual, é verdade, os jornalistas incluem, até certo ponto, esse tipo de abordagem na cobertura. Por exemplo, ao noticiarem acidentes aéreos, alguns desastres naturais, ações policiais equivocadas...

Já na maior parte das mais variadas ocorrências negativas selecionadas arbitrariamente para tornarem-se a matéria-prima das narrativas, parece não existir a intenção de observar e/ou investigar aspectos que ajudem a entender como os equívocos foram empreendidos em tais episódios e, por consequência, evitar pelo menos que erros semelhantes voltem a ser cometidos em situações análogas. Caso essa espécie de *modus*

⁹ Apenas 43% dos entrevistados dizem acreditar nas notícias “na maior parte do tempo”, dado que demonstra uma queda de cinco pontos percentuais em comparação com a pesquisa publicada no *Digital News Report 2022*. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023>. Acesso em: 10 ago 2023.

operandi venha a ser, gradativamente, desconstruída, há a possibilidade de vingar uma maneira inovadora de cobrir acontecimentos negativos.

Em busca de começar a traçar um caminho com esse objetivo, é preciso modificar o foco principal da história a ser construída. Não basta apenas apontar os supostos culpados para, por exemplo, uma ação policial desastrosa. O mais importante é estruturar a narrativa de modo a deixar que os erros fiquem evidentes e, dessa forma, ter mais chances de contribuir para que as mesmas falhas não voltem a ser cometidas. No caso de reportagens aprofundadas, poderia investigar quais erros são comuns em operações policiais semelhantes e como são combatidos, ajudando a descortinar lógicas que, talvez, legitimam tacitamente esse tipo de conduta. Mais uma vez, o “como”, uma característica da estruturação das narrativas focadas em soluções, ganha notoriedade, importância e será o fio condutor de toda a história.

Assim, há a expectativa de aumentar o potencial de a audiência aprender com aquele relato e encontrar lições relevantes que podem ser utilizadas para melhor compreender casos semelhantes. Estas, aliás, talvez não sejam pertinentes apenas naquela conjuntura e podem até ser aplicadas inclusive no dia a dia do cidadão.

Com essa nova estruturação da narrativa, o episódio pode deixar de ser percebido pela audiência apenas pela sua dimensão mais óbvia e imediatista, que gera normalmente a vivência de uma experiência potencialmente nociva à saúde mental do consumidor do produto jornalístico. Ao contrário, apesar de ser uma ocorrência negativa, passa a ser promotora, ao menos em potencial, de sensações positivas na audiência, que pode perceber mais utilidade e aumentar seu engajamento com a temática reportada.

A matéria-prima básica para o jornalismo é o acontecimento. Dentre aquilo que acontece no mundo, os jornais escolhem, a partir de determinados critérios, o que e como noticiar. Esses acontecimentos vão ser experienciados de forma particular por cada indivíduo, que podem ou não buscar recircular atualizações sobre os mesmos em espaços como os sites de rede social. No jornalismo em rede, desdobramentos do acontecimento circulam e recirculam por diferentes canais e veículos (ZAGO, 2017, p. 309).

Assim, é possível alargar a amplitude e a área de atuação desse tipo de jornalismo que busca ser mais propositivo. Afinal fica claro que não precisa, necessariamente, depender de episódios positivos, como atividades desenvolvidas por projetos sociais, políticas públicas eficazes, programas de empoderamento de grupos marginalizados, entre tantas outras ações de construção de justiça social e proteção ao

meio ambiente, para sugerir caminhos em prol da construção de um mundo finalmente estruturado por igualdade, fraternidade e liberdade.

Dessa forma, é reforçado o entendimento de que a matéria-prima do jornalismo de soluções não precisa ser, necessariamente, um episódio positivo. Essa nova abordagem jornalística pode ser utilizada para contar uma história, por exemplo, sobre uma experiência que não alcançou êxito ao tentar resolver uma demanda social.

Nesse caso, a narrativa teria um caráter pedagógico, já que seu intuito principal seria explicar detalhadamente os motivos, circunstâncias e processos que levaram a empreitada ao fracasso. Por isso, o objetivo deste trabalho é investigar se existem notícias radiofônicas, ao abordarem episódios classificados como negativos, que podem ser consideradas exemplos de jornalismo de soluções.

Nesse sentido, não por acaso, até respostas que fracassaram podem ser pautas para o jornalismo de soluções e resultar em uma notícia positiva, já que a sua abordagem diferenciada propõe que a notícia possa levar o cidadão a evitar cometer os mesmos erros na hora de enfrentar questão semelhante. (SIMÕES, 2022, p. 25-26)

No próximo tópico, será apresentada a análise do Jornal da Manhã, da Rádio Caturité FM, durante o período de 01 a 08 de novembro de 2021. O programa, que é produzido a partir de Campina Grande, na Paraíba, e vai ao ar das 06 às 09 horas da manhã, de segunda-feira a sábado, foi escolhido por ser líder de audiência no horário. O posto foi alcançado, conforme pesquisa do Instituto 6Sigma® (grupo de consultoria e estatística), em novembro de 2021.

4 – Análise do Jornal da Manhã¹⁰

Uma amostra aleatória de gravações dos programas durante o período em que era líder de audiência foi fornecida pela emissora para o desenvolvimento da pesquisa. A metodologia escolhida para este trabalho é a Análise de Conteúdo. Segundo BARDIN (2009, p.33), “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Dessa forma, em qualquer tipo de mensagem comunicada, seja qual for o meio, pode ser utilizada a análise de conteúdo a fim de interpretá-la. A análise é organizada em três etapas: “a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.” (BARDIN, 2009, p.121).

¹⁰ Este tópico contém trechos do Trabalho de Conclusão de Curso “Há jornalismo de soluções no rádio? Análise de conteúdo do programa Jornal da Manhã”, de Gabriela de Lucena Nascimento, apresentado em junho de 2023, na Universidade Estadual da Paraíba.

Foram estudados seis programas, já que a edição do dia 02 de novembro de 2021 não consta na análise, pois não houve programa por se tratar de feriado nacional. A amostra de seis dias foi considerada suficiente para o estudo, pois foi possível ter uma visão geral dos quadros e notícias presentes no radiojornal ao longo da semana. Foi feita a escuta das gravações e, em seguida, a separação do conteúdo que foi ao ar de acordo com o gênero jornalístico.

Foram analisadas as narrativas do gênero informativo que, de acordo com a classificação proposta por Melo e Assis (2016), compreendem notícia, entrevista, reportagem e nota, e têm a função de “vigilância social”. Ou seja, quadros do gênero opinativo, como comentários e colunas, não fizeram parte do estudo. Já identificadas, as narrativas do gênero informativo passaram por uma nova classificação. Agora, foram separadas com base em temáticas positivas, negativas e neutras.

A estratégia foi necessária para a construção do *corpus* da pesquisa, o qual é composto por narrativas originadas com base em episódios negativos. Uma limitação deste trabalho se dá pelo fato de os acontecimentos negativos serem noticiados, em sua maioria, através de notas no quadro da área policial e nas atualizações sobre a Covid-19, uma vez que o período da pesquisa compreende a época da pandemia. Fora do quadro de notícias policiais, foram selecionadas cinco narrativas aleatoriamente, dentre os dias acompanhados, para a realização da análise.

A partir de então, com base nas características distintivas do jornalismo de soluções, foi possível verificar se nesse objeto de estudo há algum conteúdo que possa ser considerado como representante dessa nova forma de fazer jornalismo e, por consequência, contribui para reconfigurar a forma de narrar um acontecimento negativo.

No dia 01 de novembro de 2021, com duração de 1min e 23 seg, há uma matéria sobre o protesto dos caminhoneiros que paralisaram as atividades em todo o Brasil, reivindicando, entre outras pautas, a redução do valor dos combustíveis. Vale ressaltar que no ano de 2021, o Brasil vivia uma crise de combustíveis. No estado da Paraíba uma decisão judicial proibiu a interdição nas rodovias federais.

A notícia informa o local da mobilização da categoria e traz a fala do Presidente do Sindicato dos Motoristas de Veículos de Carga da Paraíba, que afirma: a categoria irá cumprir a determinação, mas acionou o corpo jurídico do sindicato para reivindicar os direitos de protestar. O jornalismo de soluções não está presente na matéria analisada, uma vez que não consegue trazer uma resposta ao desafio, o que é primordial em uma

narrativa focada em soluções. Tampouco são explicadas didaticamente as causas que levaram o país a vivenciar essa crise.

Mesmo sendo um episódio negativo, esta notícia se adequaria ao jornalismo de soluções ao informar, pelo menos, como o Brasil entrou nessa crise e o que vem sendo efetuado para superá-la. Para isso, seria pertinente buscar mais fontes, abordando o tema por vários ângulos.

No cotidiano das redações, uma das solicitações mais ouvidas pelos repórteres, provenientes de editores, de chefes de reportagem e de secretários de redação, é diversificar as fontes consultadas no processo de apuração. [...] No jornalismo de soluções, essa diversificação de vozes deve ser guiada pelo foco prioritário destinado aos beneficiados pela resposta buscada. (SIMÕES, 2022, p. 107)

A segunda matéria analisada foi veiculada no dia 03 de novembro de 2021, com duração de 04 min e 30 seg, e aborda novamente a problemática envolvendo a escassez na oferta de combustíveis no Brasil, devido ao fato da Petrobrás não ampliar a importação de petróleo no mês de novembro de 2021.

Informa que a Petrobrás não tem mais o monopólio do petróleo no Brasil, atuando com mais ênfase na etapa de refinamento e que o mercado está aberto, mas, que as demais empresas não avançaram nesse aspecto. Trata sobre a possibilidade da privatização ou não da Petrobrás, afirmando que é um debate de natureza econômica, e que pode haver uma possível influência sobre o aumento no valor do petróleo e seus derivados, caso venha a ser privatizada.

A matéria aborda o episódio negativo sem espaço para que haja participação plural de fontes, sejam especialistas ou a população em geral. Apresentar o problema da oferta de combustíveis abre portas para abordar o desenvolvimento de estudos e utilização de outras fontes de combustível com matéria-prima renovável, mas não foi feito.

O foco no problema, mais uma vez sem detalhar como se chegou a tal situação, é a principal característica do material veiculado, logo, o jornalismo de soluções não é utilizado e, tampouco, a abordagem do acontecimento é reconfigurada. “Definimos o jornalismo de soluções como uma cobertura rigorosa e convincente de respostas a problemas sociais” (KIT [...] [2021], s/p).

A terceira matéria analisada foi ao ar no dia 05 de novembro de 2021, com duração de 02 min e 9 seg e enfoca um estudo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) sobre o atraso no esquema vacinal da população brasileira. O estudo afirma que mais de 14 milhões de brasileiros estavam com a segunda dose da vacina contra a Covid-19 com um atraso de

mais de 15 dias, mesmo tendo vacinas disponíveis e não sendo necessário agendamento para receber o imunizante.

Embora a matéria ofereça a informação pedagógica de que é necessário ter uma cobertura vacinal de, pelo menos, 80% para ter uma maior flexibilização das atividades e aborda a importância de ter o ciclo de imunização completo para a proteção contra outras variantes do vírus, não apresenta nenhuma solução que venha sendo executada para aumentar o número de pessoas vacinadas. Tampouco informa as questões políticas que contribuíram para deslegitimar o processo de vacinação, o qual, no Brasil, era uma referência mundial.

Meses depois, um conteúdo de jornalismo de soluções foi construído por alguns veículos de comunicação, apresentando novas estratégias de aumentar o índice de vacinação de crianças, como, por exemplo, levar postos móveis de vacinação para a porta das escolas públicas. Em uma dessas notícias, que foi construída com uma abordagem factual, havia dados que demonstravam o quanto o índice de vacinação subiu desde a implementação da medida.

Outra sugestão é abordar histórias com dados consolidados, para provar a eficácia da solução do problema, pois, dessa forma, o repórter ganha tempo e espaço para explicar como a resolução obteve os resultados positivos. Outro caminho para construir notícias curtas dentro dessa modalidade jornalística depende, mais uma vez, do olhar atento à realidade, com foco em soluções. Nesse caso, a orientação é atentar para respostas aos problemas mais simples, cujas soluções, por consequência, não são complexas e, por isso, facilitam uma abordagem mais sucinta da questão pelo repórter. (SIMÕES, 2022, p. 111).

A outra matéria tem duração de 02 min e 05 seg, foi ao ar no dia 03 de novembro de 2021 e inicia com um aspecto positivo falando sobre a diminuição da média móvel de mortes por Covid-19 no Brasil. Ao longo da narrativa dá ênfase ao aumento do número de mortes no mundo devido à pandemia e a preocupação com o surgimento de novas variantes do vírus. Ao final, reforça a informação de que a melhor solução para combater o problema continuava a ser manter a vacinação em dia contra o vírus da Covid-19.

Nesse caso, é possível observar uma forma diferente de noticiar o aumento de mortes ocasionado pela pandemia em outros países. Há a intenção de demonstrar que no Brasil, àquela altura, a situação parecia começar a ser controlada e isso ocorria devido ao sucesso dos imunizantes frente ao vírus. Por isso, ressaltava a necessidade da população manter a cobertura vacinal em dia e oferecer sua parcela de contribuição para a diminuição dos internamentos e óbitos causados pela doença. O conteúdo era ainda mais

útil para a audiência naquela época, pois ia de encontro às várias narrativas, muitas divulgadas por meio de *fake news*, que colocavam dúvida sobre a segurança das vacinas e sua eficácia.

O modo como a situação negativa é apresentada na matéria ajuda a população a retirar lições relevantes do material veiculado, já que, mais uma vez, mostra a importância da vacinação para o combate à Covid-19. Sem dúvidas, um avanço na forma de construir a história, com base em um episódio negativo. Porém, para que o jornalismo de soluções ficasse caracterizado e aumentasse a utilidade do conteúdo para o público, faltou ao expor o problema apontar as possíveis causas da baixa adesão à vacinação. Outro caminho viável seria a apresentação de *cases* de sucesso em que a população foi conscientizada e buscou a vacinação contra a Covid-19.

A última notícia aborda uma denúncia acerca da dificuldade para marcação de consultas e exames em um Posto de Saúde da Família do governo municipal. Foi veiculada no dia 08 de novembro de 2021, com duração de 01 min e 03 seg, e só traz a reclamação da população e o pedido para que a Secretaria de Saúde do Município possa verificar o caso.

Como de costume na mídia tradicional, a matéria enfatiza a denúncia. Nesse caso, ouviu apenas a população. Não ofereceu sequer a versão dos gestores do posto ou da Secretaria de Saúde. Tampouco informou como os problemas ficaram tão graves a ponto de gerar esse nível de insatisfação na população. Também não há exemplos de comunidades onde o atendimento funciona corretamente e como isso ocorre com excelência, ajudando a pressionar a autoridade competente a implantar os mesmos procedimentos para aquela comunidade.

5 – Considerações finais

Atenção: o jornalismo não pode tentar construir a realidade social sob uma lente cor de rosa. Na reconfiguração do acontecimento jornalístico, algo que deve ser sobreposto à quebra da suposta normalidade da vida social é sua real utilidade para o público. Nesse sentido, no momento em que o foco da narrativa é baseado principalmente em soluções, tal desafio começa a ser vencido.

Isso é ainda mais desafiador quando o relato é sobre um episódio negativo. Afinal, ali não parece tão simples, pelo menos no primeiro momento e da forma como a

mídia normalmente noticia essas ocorrências, apresentar detalhadamente e, por que não, de forma didática os equívocos que levaram àquela situação, bem como soluções viáveis.

Porém, segundo o referencial teórico deste trabalho, é possível e necessário operar uma transformação na forma de abordar acontecimentos negativos. A partir da análise do objeto deste artigo, apenas de forma parcial e pontual essa forma inovadora de contar histórias foi verificada.

De todo modo, uma narrativa conseguiu noticiar o aumento do número de mortes por Covid-19, em âmbito mundial, sem apelar para o sensacionalismo. Pelo contrário, mostrou, embora durante a menor parte do conteúdo, que a solução para o problema era a vacinação massiva e, por isso, finalmente o Brasil conseguiu diminuir o número de óbitos pela doença. Talvez, a matéria indique a gradativa percepção no mercado de trabalho de novas possibilidades, no caso algo próximo ao jornalismo de soluções, para a construção de conteúdo a partir de um acontecimento negativo.

Ao trabalhar com essa perspectiva, além de inovar e qualificar a cobertura jornalística, há o potencial de ser minimizada a carga tóxica desses acontecimentos para a saúde mental da audiência. Portanto, esse tipo de conteúdo, mesmo ao ter como referente básico um episódio negativo, pode ser abordado de forma mais humanizada e com mais capacidade de ser útil para a audiência.

Vale destacar também que, ao mapear e detalhar as causas de um acontecimento negativo, sem querer avidamente encontrar e “julgar” os culpados pela situação, o jornalismo pode ser ainda mais útil e contribuir para evitar que os mesmos erros voltem a ser cometidos em situação semelhante. Provavelmente, ao seguir esse caminho, deixa bem clara sua missão de prestador de serviço de interesse público e evidencia a utilidade desse tipo de abordagem para que seja apropriada pela audiência e possa ser adaptada, de acordo com cada caso, pelo cidadão para lidar com situações semelhantes.

6 – Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BANSAL, Sarika; COURTNEY, Martin. **The Solutions Journalism Toolkit**. 2015. Disponível em: <https://reedkath.files.wordpress.com/2017/04/new-sjn-toolkit-20162.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre, Sulina, 1976.

FARIAS, Camila Gabrielle Oliveira de. **A pauta da seca na Tv Sergipe** : uma análise da cobertura jornalística à luz do jornalismo de soluções. Dissertação de mestrado. Camila Gabrielle Oliveira de Farias; orientador Vitor Curvelo Fontes Belém. – São Cristóvão, SE, 2022.

HENN, Ronaldo Cesar; HOËHR, Kellen Mendes; BERWANGER, Gabriela Inácio. **Transformações do acontecimento nas redes sociais**: das mobilizações contra a homofobia à crise de dupla sertaneja. *Brazilian Journalism Research*, V.8, n. 1, 2012. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/392/367>. Acesso em 09 ago 2023.

NASCIMENTO, Gabriela de Lucena. **Há jornalismo de soluções no rádio?** Análise de conteúdo do programa Jornal da Manhã. 2023. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2023.

RODRIGUES, Kelly de Conti. **A construção do acontecimento no jornalismo guiado por dados**: estudo de veículos de comunicação latino-americanos. Tese (doutorado) Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2021. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/214909/rodrigues_kc_dr_bauru.pdf?sequenc e=3&isAllowed=y Acesso em: 10 ago 2023.

SILVA, Marina Santos. **O acontecimento e a atividade jornalística**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 5 - Edição 3 – Março-Maio de 2012.

SIMÕES, Antonio. **Jornalismo de soluções**. Appris, Curitiba, 2022.

VILELA, Cícero; ZSCHABER, Felipe; NUNES, Janaína. **O Jornalismo Interpretativo: Revisão Bibliográfica e Aplicações na Web**. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Ouro Preto, 28 a 30/06/2012.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Ressignificações do acontecimento no jornalismo em rede**. Revista Observatório. V.3, n. 3, 2017.